

## PELO DIREITO DE ESCOLHER: design pela legalização do aborto no Brasil

Ana Pereira Gonzalez<sup>1</sup>  
Paula Garcia Lima<sup>2</sup>  
Adriane Ferreira De Souza<sup>3</sup>

### Resumo

Este artigo é um recorte do Projeto de graduação da autora no curso de Design Gráfico da UFPel, que objetivou trazer a discussão sobre a legalização do aborto para dentro da Universidade Pública e enfatizar a responsabilidade social do Design e da Arte em auxiliar no debate, convidando a comunidade à reflexão. O aborto no Brasil é considerado uma prática ilegal sujeita à pena, exceto nos casos de estupro ou em que a continuação da gestação representa risco de morte para a mãe. Entretanto, quando uma mulher decide abortar, sejam quais forem seus motivos, ela leva adiante sua decisão, muitas vezes submetendo-se a procedimentos inseguros para tal. Tendo isso em vista, foram criados lambe-lambes para tratar da importância da legalização do aborto para a saúde e autonomia das mulheres e reivindicar as ruas como espaço de expressão artística e política.

Palavras-chave: aborto, feminismo, arte urbana.

## FOR THE RIGHT TO CHOOSE: design for legalizing abortion in Brazil

### Abstract

This article is a small part of the author's graduation project in the course of Graphic Design at UFPel, which aimed to bring the discussion about the legalization of abortion into the Public University and to emphasize the social responsibility of Design and Art to assist in the debate, inviting the community to reflect. Abortion in Brazil is considered an illegal practice subject to sentence, except in cases of rape or in which the continuation of gestation represents risk of death for the mother. However, when a woman decides to abort, for whatever reason, she makes her decision, often undergoing unsafe procedures. With this in mind, street posters were created to address the importance of legalizing abortion for the health and autonomy of women and to reclaim the streets as a space for artistic and political expression.

Keywords: Abortion, feminism, urban art.

<sup>1</sup> Bacharela em Design Gráfico pela Universidade Federal de Pelotas. Foi bolsista do CNPq em Graduação Sanduíche pelo Programa Ciência Sem Fronteiras, em 2014-2015 na Middlesex University, em Londres, Inglaterra. Aluna Especial no Programa de Pós Graduação em Educação da UFPel. Desenvolve trabalhos fotográficos autorais e atua como fotógrafa freelancer.

<sup>2</sup> Professora Adjunta da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Possui doutorado (2015) e mestrado (2010) em Memória Social e Patrimônio Cultural pela UFPel. Especialista em Mídias na Educação pelo IF Sul-Rio-Grandense (2010). Possui graduação em Artes Visuais - Habilitação em Design Gráfico pela UFPel (2004) e Graduação em Licenciatura Plena em Design (2009) pelo IF Sul-Rio-Grandense.

<sup>3</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS Linha de pesquisa Arte Linguagem Currículo sob a orientação da Dr<sup>a</sup>. Analice Dutra Pillar. Integrante do Grupo de Pesquisa em Educação e Arte (GEARTE/UFRGS/CNPq); Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel (2016) e Graduada em Artes Visuais Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG (2014).

O presente artigo é um recorte do Projeto de Graduação da autora no curso de Design Gráfico pela Universidade Federal de Pelotas, apresentado em 2018/2 que propôs discutir o design como potencial de comunicação na luta das mulheres pela legalização do aborto em âmbito nacional, acompanhando também a movimentação sobre o tema em países vizinhos como o Uruguai, em que já é legalizado, e na Argentina, que passava por uma votação histórica naquele ano.

Esse trabalho surgiu para pensar de que formas o design pode contribuir para a discussão sobre o aborto no Brasil e, para tanto, se propôs a elaborar lambe-lambes como um caminho possível de contribuição ao debate. Assim, compreende também a experiência da autora no circuito da arte de rua demarcando sua posição pessoal na militância feminista favorável à legalização do aborto para a saúde e autonomia das mulheres. A motivação para abordar o tema veio a partir de experiências da autora em encontros de mulheres no qual participou, seja em âmbito acadêmico ou ativista, onde observou que a questão do aborto é de extrema importância dentro dos movimentos feministas.

O recorte de pesquisa aqui proposto parte da percepção de motivações pessoais que aproximam a autora do debate sobre aborto, registrando o acompanhamento de eventos que permitiram acumular referencial imagético de redes sociais, a partir do qual se compôs os lambe-lambes para falar sobre o tema. Será exposto brevemente um panorama sobre o tema do aborto, em torno do qual o trabalho prático de design foi elaborado, utilizando dados estatísticos sobre o tema e conceitos da literatura feminista atual, articulando conceito de gênero, desigualdade, interseccionalidade, para compreender a criminalização do aborto como uma retirada de autonomia das mulheres enquanto sujeitos políticos. Também busca observar como as pautas feministas se inter-relacionam às de outras minorias no combate ao esquema estruturante das relações sociais que identifica patriarcado e capitalismo. Após, será apresentado brevemente o processo de confecção de lambe-lambes que abordaram a questão do aborto e levaram a discussão para as ruas da cidade de Pelotas em 2018, abrangendo estratégias sobre locais de colagem, registro dessa intervenção, monitoramento de interferências alheias no material, sua durabilidade e divulgação online através da mídia social. Pontua-se assim, a partir da participação da autora na produção gráfica voltada para o espaço urbano, como o design e a arte de rua participam do debate público.

A escrita monográfica abordou diferentes temas como história do design, a fim de contextualizar o surgimento dos cartazes e o desenvolvimento destes ao longo do tempo, bem como identificar o período histórico em que o design social começa a ser discutido, visto que estes momentos contribuíram para o entendimento de cartazes de rua e design ativista. Além disso, buscou abordar, ainda que brevemente, como surgiu o movimento feminista, com o intuito de mostrar sua transformação rumo à pluralidade que se tem hoje de feminismos, pensando a condição da mulher em diferentes contextos e situando a questão do aborto como uma pauta que sempre esteve viva nos movimentos de mulheres. Buscou-se relacionar estes temas através de exemplos de cartazes produzidos por coletivos feministas em diferentes épocas e lugares, com destaque para aqueles em que a questão do aborto é abordada. Outra questão levantada ao longo do trabalho refere-se à relação do design com a arte, mais especificamente Arte Urbana, visto que ao final do Projeto de Graduação foram criados lambe-lambes<sup>4</sup>, objetos de design (originados a partir do cartaz) que também

<sup>4</sup> Segundo Doble (apud WESTPHAL, 2015, p. 44), o lambe é qualquer tipo de cartaz colado nas ruas, seja ele impresso, pintado à mão, serigrafado, feito com stencil, entre outros. É considerado uma técnica do pós-graffiti e é colado nas ruas com o uso de uma cola especial para conservá-lo, feita de polvilho doce fervido com água.

são considerados arte urbana, pois encontram nas ruas o seu lugar de expressão, alterando a paisagem e despertando reflexões em quem transita na cidade. Ou como sintetiza Campbell:

Ao transporem a exclusividade dos espaços institucionais da arte, como galerias e museus, e sua neutralidade na exibição das obras, revelam outros lugares para a criação e veiculação dos projetos artísticos. As obras de arte realizadas no espaço público dão ênfase ao lugar, incorporando-o em todas as suas dimensões – físicas, sociais, culturais, ambientais. Além disso, elas se fundam numa experiência que busca incorporar também o tempo, ou seja, o momento em que a obra acontece. Assim, os processos de trabalho são visivelmente contaminados pelas dinâmicas dos espaços, que passam a completar o sentido das obras (CAMPBELL, 2015).

Com base no exposto, peço licença para falar em primeira pessoa, para contar um pouco da minha trajetória e, portanto, o que me motivou a realizar este trabalho. Em 2013 participei da Marcha das Vadias na cidade de Pelotas<sup>5</sup> e fui atravessada pela complexidade do momento: a força de ver mulheres reivindicando seus próprios corpos e a resposta hostil que recebiam nas ruas. Desde então, comecei a me interessar cada vez mais pelo feminismo e as diferentes visões dentro do movimento, por entender que mulheres enfrentam, para além das opressões de gênero, discriminação étnico-raciais, de classe, sexualidade, etc., e que portanto compreender a interseccionalidade entre opressões sofridas por minorias permite que também as militantes feministas promovam um olhar mais atento e acolhedor para todas as mulheres. Conforme aponta Djamilia Ribeiro em seu livro Lugar de fala:

Audre Lorde nos instiga a pensar na necessidade de reconhecermos nossas diferenças e não mais vê-las como algo negativo. O problema seria quando as diferenças significam desigualdades. O não reconhecimento de que partimos de lugares diferentes, posto que experienciamos gênero de modo diferente, leva à legitimação de um discurso excludente, pois não visibiliza outras formas de ser mulher no mundo (RIBEIRO, 2019, p. 50).

No ano de 2017, participei de dois eventos organizados por e para mulheres, onde me deparei com a diversidade de corpos, de contextos, experiências de vida, lutas e formas de se manifestar de mulheres plurais. O primeiro deles foi o 13º Congresso Mundo de Mulheres (MM) & Fazendo Gênero 11 - Transformações, conexões, deslocamentos - um encontro internacional e interdisciplinar de e sobre mulheres que nesta edição ocorreu em Florianópolis, no campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O evento reuniu pesquisadoras de vários lugares do Brasil e do mundo juntamente com ativistas sociais. Foi uma semana de trocas intensas em que pude observar os diversos feminismos atuando simultaneamente. Mulheres indígenas, negras, brancas, queers, lésbicas, trans, travestis, debatendo e aprendendo umas com as outras. Mais de oito mil mulheres compartilhando conhecimentos e depois caminhando juntas na marcha Internacional Mundo de Mulheres por Direitos<sup>6</sup>.

O segundo evento que participei neste mesmo ano foi o Encuentro de Mujeres del

<sup>5</sup> Cidade situada ao sul do Rio Grande do Sul, Brasil.

<sup>6</sup> Mais informações sobre a marcha: <http://catarinas.info/pluralidade-na-linha-de-frente-da-marcha-internacional-mundos-de-mulheres-por-direitos/>  
<http://catarinas.info/videos/marcha-mundos-de-mulheres-por-direitos/>

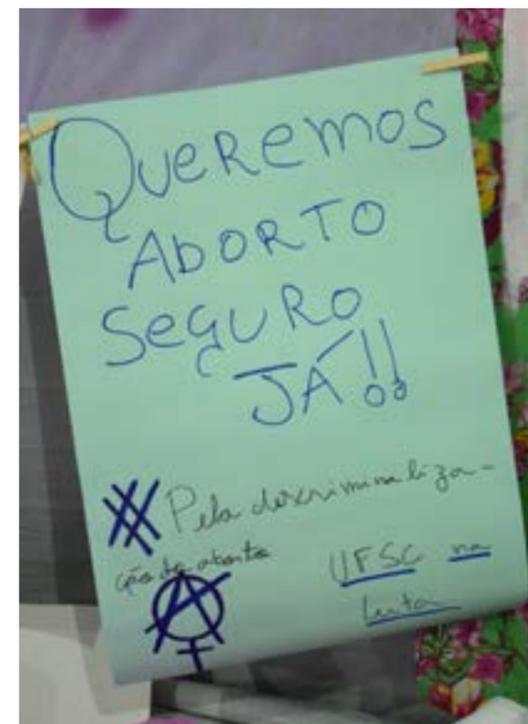


Figura 1: Cartaz confeccionado para a Marcha Internacional Mundos de Mulheres por Direitos, durante o 13º Mundo de Mulheres & Fazendo Gênero 11, em Florianópolis/SC, em 2017. Fonte: acervo da autora, 2017.

Uruguay, evento autogestionado por mulheres e para mulheres do Uruguai e países vizinhos trocaram experiências e conversaram sobre feminismo. O encontro reuniu mais de mil mulheres na capital do país e proporcionou rodas de conversa mediadas por representantes do evento, com espaço para todas falarem de suas experiências. Essas rodas aconteciam simultaneamente em diversos eixos temáticos como saúde sexual e reprodutiva; aborto; corpo; feminismos; colonialismo e etnia; educação; violência contra a mulher; organizações sociais e políticas; comunicação e tecnologia; entre outros. Além de participar das rodas, contribuí como colaboradora de mídias do evento, fotografando, gravando e compartilhando nas redes as atividades culturais e a marcha de encerramento. A seguir alguns desses registros (figuras 2 e 3).



Figura 2: Encuentro de Mujeres del Uruguay. Fonte: acervo da autora, 2017.



Estes dois eventos foram importantes para a minha construção enquanto mulher e ativista, além de desenvolver o meu olhar enquanto fotógrafa e designer na busca de retratar os espaços de luta feminista. Em ambos, a discussão sobre aborto se mostrou forte e necessária para a autonomia e saúde das mulheres, me motivando a levar essa pauta como tema do meu Projeto de Graduação em Design Gráfico.

A criminalização do aborto, tema central nas pautas políticas de mulheres, evidencia a falta de autonomia das mulheres em relação às decisões sobre o próprio corpo ainda hoje. A luta das mulheres pela descriminalização e legalização do aborto, cuja permissão hoje compete ao Estado, tem por pressuposto uma condição social e política desigual entre mulheres e homens. A historiadora Joan Scott, na década de 80, avançou no debate das relações de poder ao compreender como gênero serviria como categoria para analisá-las sob a ótica das mulheres. Ao atualizar o debate a partir desta noção, a autora identifica como a diferença sexual entre homens e mulheres foi usada por várias sociedades para definir e valorar os grupos sociais segundo seus papéis sociais definindo relações de subordinação social de gênero. Subordinação que se atualiza no papel patriarcal cumprido pelo Estado ao tirar das mulheres a opção pelo aborto, que em última análise é uma decisão sobre seu corpo.

Sobre uma abordagem histórica da questão do aborto, Silvia Federici (2017) em *O Calibã e a Bruxa*, fala de como as mulheres eram perseguidas pela Inquisição e condenadas muitas vezes à morte quando praticavam os chamados crimes reprodutivos, como infanticídio e o aborto. Na Idade Média, quando mulheres se recusavam a terem seus corpos controlados pelos homens e pela igreja como se fossem máquinas reprodutivas, eram penalizadas ou mortas. É inquietante pensar que séculos se passaram e muitas mulheres ainda tem o direito a decidir sobre seu próprio corpo cerceado, mas quem são esses corpos controlados? Segundo um estudo<sup>7</sup> de 2017 do Instituto Guttmacher juntamente com a Organização Mundial da Saúde (WHO) sobre a situação do aborto a nível internacional, 25 milhões de abortos inseguros ocorreram cada ano entre 2010 e 2014. A maioria desses abortos, num

<sup>7</sup> Estudo disponível em: <https://www.guttmacher.org/news-release/2017/worldwide-estimated-25-million-unsafe-abortion-occur-each-year>.

total de 97% ocorreram em países em desenvolvimento, entre África, Ásia e América Latina. Não é por acaso, que os países com maior índice de abortos inseguros estão situados em continentes com um histórico de colonização e exploração. O Brasil faz parte desse grupo e é em vista disso, buscando uma emancipação do pensamento e das práticas colonialistas, que decidi investir neste trabalho.

O aborto é, conforme a lei brasileira, considerado um crime contra a vida e aparece no Artigo 124 a 128 do Código Penal Brasileiro<sup>8</sup>, sujeito a cumprimento de pena exceto nos casos de estupro ou em que a continuação da gestação representa risco de morte para a mãe. Segundo pesquisa intitulada *Criminalização do aborto no Brasil e implicações saúde pública*, publicada na *Revista Bioética*:

Mesmo com a proibição legal ao aborto no Brasil, está provado que a interrupção da gravidez existe, é fato social de ampla dimensão e vem sendo realizada, na maioria dos casos, em péssimas condições, fato que coloca em risco a vida das mulheres. Portanto, não atentar para o problema implícito ao abortamento é continuar a reprisar tragédias vividas isoladamente por mulheres e que resultam, às vezes, na morte de milhares de mulheres pobres, negras e jovens, muitas das quais ainda se veem ameaçadas pela denúncia e punição judicial. Com a possibilidade de reduzir esses impactos, a legalização do aborto tem sido temática em constante discussão entre movimentos sociais, juristas, políticos, profissionais e outros setores da sociedade brasileira (SANTOS, et. al., 2013).

No Brasil, ocorreu em agosto de 2018 uma audiência pública<sup>9</sup> convocada pela ministra Rosa Weber, do Supremo Tribunal Federal (STF), para avaliar a Arguição de descumprimento de preceito fundamental (a ADPF 442) apresentada pelo PSOL com o apoio do Instituto Anis, que descriminaliza mulheres que façam a interrupção voluntária da gestação até a 12ª semana da gravidez. Além disso, o Senado Federal abriu uma consulta pública<sup>10</sup> sobre a Sugestão número 15 de 2014 de “regular a interrupção voluntária da gravidez, dentro das doze primeiras semanas de gestação, pelo sistema único de saúde”. A votação encerrou com 423.403 votos a favor da SUG 15/2014 e 381.116 contra. Essas discussões sobre aborto reverberaram entre as mulheres brasileiras e com isso, várias ilustrações e intervenções ganharam as ruas e as redes sociais, impulsionadas também pela movimentação que ocorria no país vizinho, a Argentina, que também esteve promovendo o debate sobre a Ley de Interrupción Voluntaria del Embarazo. Segundo dados de 2005 da Anistia Internacional, divulgados pela CNN<sup>11</sup>, o aborto é a principal causa de morte materna na Argentina, e estima-se que 450.000 abortos clandestinos são realizados a cada ano no país. A campanha pela legalização reverberou no país inteiro e também no mundo, um mar verde<sup>12</sup> de mulheres utilizando bandanas verdes com o símbolo da campanha argentina foi uma imagem marcante deste período (Figura 4), que alimentou o debate e mobilizou muitas mulheres latinas a seguir na luta.

As ruas, como espaços de disputa política, presenciam vários diálogos extra-oficiais

<sup>8</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del2848compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm)

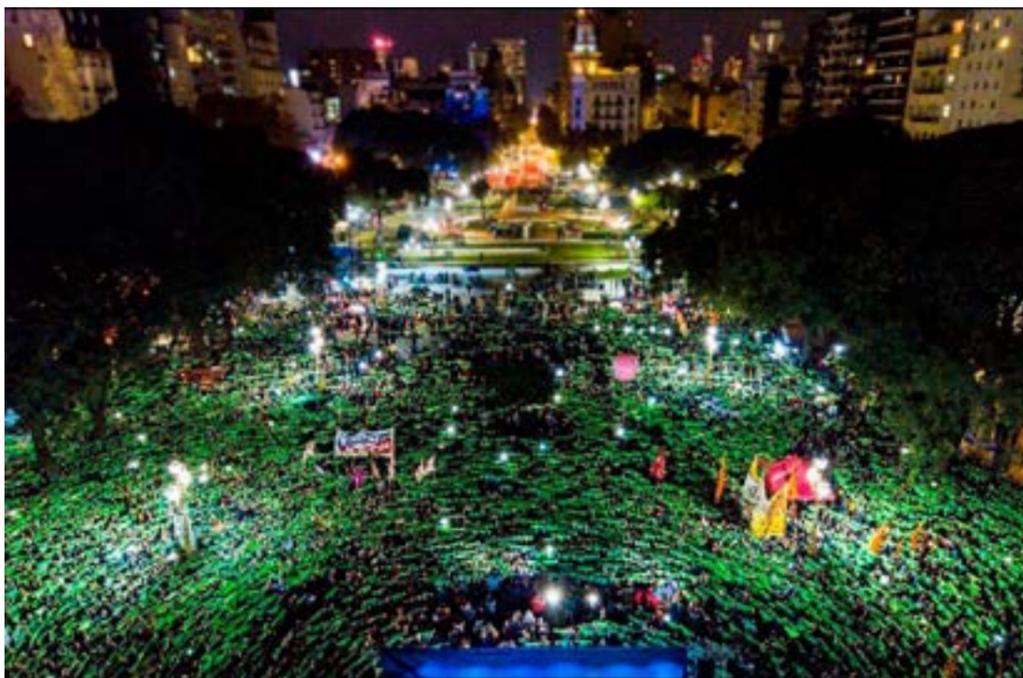
<sup>9</sup> Ver em: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=385093> e <https://agoraesqueasaelas.blogfolha.uol.com.br/2018/07/30/porque-precisamos-tanto-legalizar-o-aborto-a-adpf-442/>.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/ecidania/visualizacaomateria?id=119431>

<sup>11</sup> Disponível em: <https://cnnespanol.cnn.com/2018/07/03/senado-comienza-el-debate-sobre-despenalizacion-del-aborto-en-argentina/>

<sup>12</sup> Disponível em: <http://catarinas.info/a-onda-massiva-pelo-aborto-legal-na-argentina/>

Figura 4: Cerca de 300 mil argentinas nas ruas pelo aborto legal. Foto por Prensa Obrera. Fonte: <http://catarinas.info/a-onda-massiva-pelo-aborto-legal-na-argentina/>. Acesso em: 6 dez. de 2018.



através de mobilizações e são locais de expressão que mesclam política e arte, através de pixos, lambe-lambes e outros tipos de intervenções urbana.

O trabalho prático que desenvolvi junto à escrita monográfica durante o ano de 2018 consistiu na confecção de lambe-lambes que abordaram a questão do aborto e levaram a discussão para as ruas da cidade de Pelotas, bem como sua divulgação online através da mídia social do Instagram<sup>13</sup> (Figura 5). Com o intuito de provocar reflexões aos praticantes da cidade, que circulam, integram e absorvem o espaço urbano, e que “realmente experimentam os espaços quando os percorrem” (AMARAL, 2010), e como forma de protestar perante a conjuntura política atual, foram colados os lambes na região central da cidade (Figura 6), onde há maior fluxo de pessoas, e arredores das Universidades Federal e Católica de Pelotas, para levar a discussão aos estudantes. Já no âmbito digital, através do perfil no Instagram, foi criada uma conta no instagram para escoar os registros dessas colagens, integrando esta ação em Pelotas a uma rede de coletivos feministas e de divulgação de design e ativismo, atingindo o público mais interessado pelo tema do aborto e pessoas que acessam espontaneamente as publicações de forma indireta, por indicação de amigos ou familiares.

As mídias digitais aparecem como ferramentas aliadas às ações de rua, ampliando seu alcance. Ou, nas palavras de Campbell,

Além das ruas, os artistas também vão ocupar e se utilizar dos meios eletrônicos. A expansão do acesso à internet no Brasil favoreceu muito a criação em rede. Conectados, muitos jovens puderam entrar em contato com as produções que vinham de várias partes do Brasil e do mundo. Esse esquema descentralizado de veiculação e circulação das informações ajudou a promover a criação de redes de artistas e, ao mesmo tempo, redes de coletivos que trocavam informações por meio de listas de e-mails e blogs (CAMPBELL, 2015).

<sup>13</sup> Acesso disponível através do link: <https://www.instagram.com/pelodireitodeescolher/>

Os lambe-lambes confeccionados compõe uma série inicial de 6 peças (Fig. 6), todas em formato A3, tamanho que possibilita que as peças sejam compreendidas tanto em conjunto, formando murais, quanto separadamente. Optei por trabalhar com três tons: vermelho, preto e branco. A escolha do vermelho está relacionada ao sangue menstrual e ao sangramento decorrente da interrupção da gravidez. A escolha do preto e do branco remete a poética desenvolvida durante minha trajetória como fotógrafa, além dessa combinação possibilitar um maior contraste com o vermelho.



Figura 5: @pelodireitodeescolher: perfil no Instagram. Fonte: da autora, 2018.



Figura 6: Série de lambes desenvolvidas para o Projeto de Graduação da autora. Fonte: acervo da autora, 2018.

Além da fotografia, buscou-se uma técnica que pudesse transmitir o fazer manual, tão característico dos cartazes realizados para manifestações, assim como nos traços reproduzidos nos pixos e intervenções urbanas. Para isto, foram utilizados marcadores permanentes, vulgo *canetões*, pincel e tinta nanquim vermelha. A junção desses processos criativos foi feita digitalmente, explorando os contrastes, transparências, a combinação da tipografia manual e digital, buscando assim uma unidade tanto temática quanto visual da série. Faz parte da iconografia utilizada o símbolo do feminismo (o símbolo de Vênus), assim como um triângulo invertido, simbolismos estes que remetem à representação do feminino e da água, elemento fluido também ligado ao feminino, à transmutação, à entrega, à adaptabilidade. Ao mesmo tempo, em contraste com essa simbologia, utilizo o vermelho como uma cor ligada ao fogo, à energia que move, à intensidade. Além de ser o vermelho uma cor pura que remete ao sangue, à luta, à vida, à paixão. Para a escolha da tipografia, foi feita uma combinação de fontes manuais obtidas através da experimentação de técnicas e materiais como marcadores e tinta nanquim, com uma fontes digitais.

Para dar unidade à série de lambes, optou-se por fazer 3 deles com imagens em preto e branco e outros 3 com foco na tipografia, combinando-os para que funcionem como composição de murais, se forem colados os 6 juntos (Figura 6), em pares ou separadamente. Para a identificação do projeto, foi criada a tag @pelodireitodeescolher que é o nome do perfil no Instagram, que contém imagens dos lambes colados nas ruas, junto a textos explicativos. O nome foi escolhido inspirado na música Mosaico<sup>14</sup> da rapper Brisa Flow, em parceria com Católicas pelo Direito de Decidir, e faz parte de uma campanha de Católicas na Luta pelo Estado Laico. A letra foi composta por Brisa Flow e conta com a produção de Nosotras:

*Run run run little girl*

*Criada entre cercas  
Nem sempre é possível vê-las  
Mas é tão fácil percebê-las  
Nas noites sem estrelas  
Não há como fugir de si*

*Dos pensamentos  
Lamentos e tormentos  
Desafio a todo momento  
Pra impor nossa vontade  
E quem nos quer nas grades  
Rouba a liberdade*

*E diz pra sociedade  
Que quem vendeu foi você  
E que é melhor ter marido e bebê  
Ficar sozinha não é bom  
Sorria, sorria, coloque esse batom*

*Pra se proteger  
Mais um ventre perseguido pela babylon  
Todo dia pela babylon  
Mais um ventre perseguido pela babylon lon lon lon*

*Lon-lon-longe daqui eu já vi e já ouvi  
Que somos mercadoria feita pra reproduzir  
Mais um soldado faquir só que não pra evoluir  
É só pra poder servir  
O cardápio que eles vão usufruir*

*Um corpo um ventre uma função  
Não te dão opção, não te dão opção  
O estado é laico mas a lei não não não não*

*Way-ay-ay no woman no cry  
Ela segue cantando pra ver se a tristeza sai  
Junta segue marchando  
Tamo por todo canto  
Se a gente não se unir  
Ninguém vai secar nosso pranto*

*Pelo direito de escolher  
Pelo direito de ser ou não ser  
Pelo direito de ter ou não ter  
Não venha interferir, só eu devo decidir.*

*Pelo potencial  
Um julgo mais igual  
Estado não se meta no meu útero  
Li num muro pela capital e é real  
O mau contra as mulheres ainda é único*

*Nos mantém clandestinas  
Com o nosso ventre preso  
Eles entram e saem das meninas  
Sem culpa e sem peso  
Sempre ilesos*

*Por isso é uma pela outra  
Tanto a que não quer ser mãe  
Quanto a que quer ser  
E quer seu corpo respeitado  
E não cortado nem largado  
Em um hospital lotado  
Mal acostumado  
A nos tratar como se tivéssemos um erro a ser pago*

*Interferindo na amamentação e no parto  
Seguimos juntando os cacos  
E marca da cesárea, é um mosaico  
Não deixa esquecer  
O que me foi roubado*

*Templo violentado  
A lembrança é ruim  
Tantos casos assim  
Decidem por você e por mim, por você e por mim*

*Um corpo, uma função*

<sup>14</sup> Ouça a música em: <https://www.youtube.com/watch?v=glGc7UHi9hk>

*E não te dão opção  
O estado é laico, mas a lei não não não*

*Way-ay-ay no woman no cry  
Ela segue lutando pra ver se a tristeza sai  
Várias por todo canto  
Juntas seguem marchando  
Se a gente não se unir  
Ninguém vai secar nosso pranto*

*Pelo direito de escolher  
Pelo direito de ser ou não ser  
Pelo direito de ter ou não ter  
Não venha interferir, só eu devo decidir.*

*A seguir, mais imagens dos lambe-lambes colados nas ruas de Pelotas, em dezembro de 2018:*



Figuras 7: Colagem na parada de ônibus próximo à Faculdade de Odontologia da UFPel. Fonte: acervo da autora, 2018.  
Figuras 8: Colagem no muro da Faculdade de Odontologia da UFPel. Fonte: acervo da autora, 2018.

Figura 9: Colagem em quiosque na esquina da Rua Andrade Neves com Marechal Floriano, em Pelotas. Fonte: acervo da autora, 2018

Em seguida ao processo de colagem, foram percebidas interferências diretas aos lambe-lambes, que indicam a aceitação destes no ambiente urbano, tais como rasuras, pedaços arrancados ou raspados com objetos de ponta, principalmente nos que contém imagens, sendo a região da vulva a mais afetada pelas rasuras. Por outro lado, se pode testemunhar algumas mulheres que paravam para fotografar, com expressões faciais de aprovação ou contentamento. Tais interferências fazem parte do processo pós colagem e também foram percebidas pela artista visual Mariane Simões em seu projeto *Profanando e Resistindo*. Conforme a autora:

A participação dos indivíduos era perceptível devido o tempo em que o lambe-lambe se mantinha no muro. Tal atividade anônima em

relação à obra é de extrema importância para a complementação da mesma, esta só se faz existir se estiver nas ruas, pertencendo àquela estrutura e a todo indivíduo pertencente a ela. Ou seja, todos os sujeitos têm o direito de intervir na cidade, como identidade, voz e autoafirmação de pertencimento ou do não pertencimento (SIMÕES, et. al., 2017).

Através do resultado dos lambes criados e das intervenções que sofreram quando colados, percebeu-se que este é um tema que gera um certo incômodo, e portanto deve seguir sendo incentivado o debate sobre esta questão que tanto interfere na vida das mulheres.

Acredito que inserir a questão do aborto em um projeto de graduação em Design Gráfico, na atual conjuntura brasileira, é forma de me posicionar enquanto sujeito. Tendo em vista que “o pessoal é político”, demonstro, através de minhas experiências pessoais e da minha poética visual, meu posicionamento perante a situação política atual e minha própria construção como sujeito político. Considerando a premissa de que no design ativista a autoria está implícita, me colocar no trabalho enquanto

mulher, assumindo minhas perspectivas pessoais e incorporando-as no trabalho, é, em contrapartida, projetar de forma ativista. Portanto, entendo que o trabalho apresentado é pertinente para (re)pensar as práticas de designers e mostrar, na aproximação com a arte urbana e com o ativismo político, outras possibilidades de projetos, valorizando as diversas qualidades que são combinadas na atuação destes profissionais. É de extrema importância que o tema seja amplamente discutido no nosso país nas esferas institucionais, a fim de pressionar autoridades para a criação de políticas públicas que garantam às mulheres o direito de decidirem levar uma gravidez adiante ou não, e ainda, o acesso à atendimento médico e psicológico de qualidade, independente da decisão tomada.

## Referências Bibliográficas:

*A onda massiva pelo aborto legal na Argentina*. Portal Catarinas, 2018. Disponível em: <<https://catarinas.info/a-onda-massiva-pelo-aborto-legal-na-argentina/>>. Acesso em: 1 dez. 2019.

AMARAL, Lilian. *Interterritorialidades – Fronteiras Líquidas. Passagens, cartografias e imaginários*. In: Anais do III Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual, Goiânia. 2010.

BOITEUX, Luciana. *Porque precisamos tanto legalizar o aborto: a ADPF 442. Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<https://agoraquesaoelas.blogfolha.uol.com.br/2018/07/30/porque-precisamos-tanto-legalizar-o-aborto-a-adpf-442/>>. Acesso em: 1 dez. 2019.

BRISA DE LA CORDILLERA - Mosaico | *Católicas na Luta pelo Estado Laico e contra os fundamentalismos*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gIGc7UHi9hk>>. Acesso em: 1 dez. 2019.

CAMPBELL, Brígida. *Arte para uma cidade sensível/Art for a sensitive city*. Tradução para o inglês Valéria Sarsur e Pedro Vieira. São Paulo, Invisíveis Produções, 2015. Disponível em: <[https://arteparaumacidadeensivel.files.wordpress.com/2015/10/arte\\_para\\_uma\\_cidade\\_sensivel\\_ebook.pdf?utm\\_medium=website&utm\\_source=archdaily.com.br](https://arteparaumacidadeensivel.files.wordpress.com/2015/10/arte_para_uma_cidade_sensivel_ebook.pdf?utm_medium=website&utm_source=archdaily.com.br)>. Acesso em: 6 dez. de 2018.

*Decreto de Lei No. 2.848*. Planalto.gov.br. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del2848compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm)>. Acesso em: 1 dez. 2019.

FEDERICI, Sílvia. *O calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

*Marcha Mundos de Mulheres por Direitos*. Portal Catarinas, 2017. Disponível em: <<http://catarinas.info/videos/marcha-mundos-de-mulheres-por-direitos/>>. Acesso em: 1 dez. 2019.

Notícias STF - *Supremo Tribunal Federal: STF realiza audiência pública sobre descriminalização do aborto nos dias 3 e 6 de agosto*. Stf.jus.br, 2018. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=385093>>. Acesso em: 1 dez. 2019.

*Pluralidade na linha de frente da Marcha Internacional Mundos de Mulheres por Direitos*. Portal Catarinas, 2017. Disponível em: <<http://catarinas.info/pluralidade-na-linha-de-frente-da-marcha-internacional-mundos-de-mulheres-por-direitos/>>. Acesso em: 1 dez. 2019.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 112 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)

SANTOS, Vanessa Cruz; ANJOS; Karla Ferraz dos, SOUZAS, Raquel; EUGÊNIO, Benedito Gonçalves. *Criminalização do aborto no Brasil e implicações à saúde pública*. Revista Bioética (Impressa), vol. 21, n. 3. Brasília: 2013, p. 494-508. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-80422013000300014](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-80422013000300014)>. Acesso em: 20 jun. 2019.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. Educação &

Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

*Senado de Argentina comienza el debate sobre despenalización del aborto*. CNN, 2018. Disponível em: <<https://cnnespanol.cnn.com/2018/07/03/senado-comienza-el-debate-sobre-despenalizacion-del-aborto-en-argentina/>>. Acesso em: 1 dez. 2019.

*Senado Federal - Programa e Cidadania - Consulta Pública*. Senado Federal, 2018. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaomateria?id=119431>>. Acesso em: 1 dez. 2019.

SIMÕES, Mariane, et. al. *PROFANANDO-E-RESISTINDO Sobre muros e pertencimentos*. In: Revista Píxo v. 1, n.1 - Escritas Urbanas (Outono). Pelotas: Grupo de Pesquisa CNPQ Cidade+Contemporaneidade, Laboratório de Urbanismo (LabUrb), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb), Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl), 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/article/view/11140>>. Acesso em: 6 dez. de 2018.

WESTPHAL, Melissa. *Manifesto Cuticuti: uma trajetória*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Pelotas, 2015.

*Worldwide, an Estimated 25 Million Unsafe Abortions Occur Each Year*. Guttmacher Institute, 2017. Disponível em: <<https://www.guttmacher.org/news-release/2017/worldwide-estimated-25-million-unsafe-abortions-occur-each-year>>. Acesso em: 1 dez. 2019.